



O empreendedorismo e a política do sintoma ¹

Marcus André Vieira

Referência

Vieira, M. A. "O empreendedorismo e a política do sintoma, Correio Express, n. 0, São Paulo, EBP, 2017. Disponível em < https://www.ebp.org.br/correio_express/000/img/texto12_marcus.pdf >

Resumo

Nossa subjetividade, ao menos na parte em que é articulada à nossa posição de consumidores do mercado globalizado, não tem nem comando, nem unidade o bastante. Ela funciona de outro modo e segundo uma articulação entre o individual, o coletivo e o singular que parece colocar em risco tanto a possibilidade da psicanálise quanto da política. Antes de nos perguntarmos, portanto, se haveria incompatibilidade entre psicanálise e política, que seja colocada a pergunta sobre o modo como ambas encontram dificuldades na grande feira globalizada onde vivemos.

I

Parece haver uma tensão entre a política e a psicanálise. Ela não pode ser reduzida à ideia de que uma lidaria exclusivamente com o universal e a outra com o singular, pois tanto numa quanto noutra os dois estão sempre, de um modo ou de outro, articulados.

A dificuldade poderia ser o fato de que enquanto a política não vive sem alguma normatividade, a psicanálise estaria mais do lado da revolução, pois o inconsciente conteria impulsos essencialmente transgressores recalcados. A revolução, porém, é parte integrante do campo político, por um lado e, por outro, apesar de uma análise trazer à cena consciente elementos recalcados, ela não propõe novas regras de conduta a partir deles, não busca a instauração de uma nova ordem (o que, aliás, de algum modo nos levaria de volta ao normativo).

Podemos, ao contrário, tomar um ponto comum a ambas. Tanto uma quanto outra partem de um "eu" mais ou menos no comando. Para ser surpreendido pelo que não sabe, se reconfigurar em uma análise, assim como para decidir se associar a outros, votar é preciso um mínimo de unidade. É preciso alguém mais ou menos igual a si mesmo ao menos para dizer "presente" quando convocado a participar das diversas situações quotidianas.

Ocorre que nossa subjetividade, ao menos na parte em que é articulada à nossa posição de consumidores do mercado globalizado, não tem nem comando, nem unidade o bastante. Ela funciona de outro modo e segundo uma articulação entre o individual, o coletivo e o singular que parece colocar em risco tanto a possibilidade da psicanálise quanto da política. Antes de nos perguntarmos, portanto, se haveria incompatibilidade entre psicanálise e política, que seja colocada a pergunta sobre o modo como ambas encontram dificuldades na grande feira globalizada onde vivemos.

Essas dificuldades se tornam evidentes quando consideramos uma forma de vida que se espalha por todos os âmbitos da sociedade junto com o consumo e o mercado capitalista, a subjetividade do empreendedor. Ela se constitui a partir do espelhamento de si mesmo com uma empresa, que bem poderia ser chamada, como o título de uma conhecida revista, "Você SA". O empreendedor não deve ter centro (assim como as empresas globalizadas, multinacionais, como se dizia antigamente). Deve ser criativo, mutante, reinventar-se a cada instante. O eu empresarial não tem, portanto, uma normatividade subjetiva estável. É uma composição subjetiva que não se estrutura na articulação entre a lei e o que lhe escapa, não é um ego no sentido clássico.

¹ Versão remanejada de apresentação sob o título "Políticas do sintoma" no Fórum "Estado de direito e corrupção: o real é nossa moeda", São Paulo, 18 de agosto de 2017.

Sigo P. Dardot e C. Laval, em “A nova razão do mundo” que tomam o neoliberalismo como um modo de ser constituinte de uma forma de vida (no sentido de Wittgenstein). Seu fundamento é um tipo especial de competitividade, que chamamos de “livre concorrência”. Competitividade neste contexto é diferente de uma competição no sentido comum. Não é organizada pelo resultado em termos de mais eficiência ou melhor trabalho, mas pelo sucesso e pelo desempenho em termos de consumo. Não define quem tem competência, mas quem vende mais.

Quem determina os sucessos e fracassos nesse mundo? O consumidor. Sua escolha é tida como o regulador natural e a garantia de qualidade do mercado. Mas o consumidor escolhe? É evidente que ele não opta pelo que é melhor ou mais necessário. Escolhe o que lhe é irresistível. Algo nele, mais forte que ele, o faz escolher. É o que chamaríamos, lacanianos, uma escolha pelo gozo. O consumidor goza, não escolhe, ao menos não como um eu. Não importa se os tênis são feitos por que mão de obra escrava, não importa a lente do Fantástico (como cantam Gil e Caetano), não importa nada.

É uma falácia dizer que o livre arbítrio estaria na base do capitalismo neoliberal, pois o essencial não é o que se passa no plano do eu consciente, mas daquilo que o conduz sem que ele possa resistir. Por isso o neoliberalismo talvez não seja oposto à democracia, mas seja sua destruição (se ela for definida como o “um por um” do voto consciente).

O empreendedor lida sobretudo com o empuxo ao gozo mais do que com as escolhas individuais. Só na Alemanha ou na Inglaterra para que se possa imaginar que as pessoas estariam em primeiro plano de sua consideração. Os absurdos a que chega o capitalismo no Brasil desvelam violentamente essa verdade. Não há, por aqui, tantos sujeitos considerados gente o bastante para que se sustente a ilusão de uma verdadeira escolha por parte do consumidor. Que escolha tem uma mãe da favela com relação à melhor escola para seu filho ou o melhor hospital para tratá-lo?

A ilusão de que o mercado é regulado pelas escolhas livres dos indivíduos que o compõem não deixa de ser uma limitação para o exercício da competitividade. Num país como o nosso, em que as condições de desigualdade fazem existir, para todos os efeitos, “eus” e “não-eus”, toda moderação se esvai. A subjetividade neoliberal tanto em seu aspecto empreendedor quanto consumidor pode se desenvolver em um “sem freios” assustador com relação às suas ações. Não é o que demonstram tantos de nossos políticos? Não seria uma maneira de entender por que não cessam de fazer o que fazem a despeito da opinião pública? Parece contar, na câmara isolada em que vivem, cada vez mais apenas desempenho, medido pelo gozo e não pelas leis. É preciso sempre “mais, ainda” (cf. Lacan e seu Seminário 20, assim intitulado). Só assim consigo entender a corrupção de um Sergio Cabral, por exemplo, perdendo o pé na realidade de tão desmedida.

Qual política, então, quando somos todos um pouco empreendedores ou consumistas? A clássica, representativa, parece ir mal das pernas em todo o mundo exatamente por essa razão. Neste ponto interessa ver como a psicanálise lida com o gozo. Se seguimos J. Lacan, ela teria um modo de fazer com o objeto do consumo que passa longe da luta inglória de resistir a ele pela moralidade, como na religião, ou por sua mortificação pela normatização burocrática.

II

Na grande feira global, como resistir ao empuxo à séria infinita dos objetos do consumo? A experiência religiosa parece ter essa capacidade (que não deve ser confundida com os fundamentalismos que são, eles também, experiências de gozo). É essencial, igualmente, destacar a importância dos valores morais e dos ideais para a moderação na direção de um consumo dito “consciente”. A especificidade da psicanálise, porém, é que ela não tenta resistir. Em vez de propor uma luta contra o que nos arrasta, em vez de apostar em barreiras e cercas ao que nos invade, nos ensina a lidar com ele de outro modo. De fato, uma análise não lida com o gozo controlando-o, limitando-o. Não é feita para ser luta, não vence ou cria resistência como ação principal, não culpabiliza, não dá sermão, não normatiza.

Tomo apoio no texto de J. A. Miller “Uma fantasia” (cf. Opção Lacaniana 42) em que propõe uma aproximação entre a psicanálise e o discurso hipermoderno, contemporâneo (neoliberal neste texto). Ambos partem do gozo e não da norma. Tanto o empreendedor quanto o consumidor lidam com o *mais-de-gozar* (como Lacan transpõe, em “Radiofonia”, a *mais-valia* marxista para um plano no qual

ela seria quase inconcebível, o individual). É outro nome para o objeto pulsional freudiano, ele é que está em jogo, mais do que as leis que regem o trabalho e a rotina e nossos ideais.

Talvez então a psicanálise tenha um modo de fazer que mude nosso ser de consumidor ou empreendedor por competir com ele pelo mesmo objeto em vez de querer discipliná-lo!

No *capetalismo* (no dito do Profeta Gentileza), compro, compro e ganho um gozo “a mais”. Compro objetos inúteis, mas com eles, um objeto invisível, chamado também por Lacan objeto “a”, acrescenta-se na sacola, quase como “brinde”. A psicanálise, por outro lado, reintroduz o mais-de-gozar no coração da rede de uma vida, põe em ação o elemento fora da história que nela circulava, que a alimentava até então, mas sempre fora de alcance. Será possível que a mesma coisa que, no mercado, sustenta uma série infinita de produtos a serem adquiridos pode ser o que nos afasta um pouco dela? Quem sabe, afinal, se o mais de gozar já estiver, digamos, no bolso, vale a pena ainda comprá-lo?

Parece retórico? Um exemplo: o da analisante, filha não reconhecida cujo provável pai teria sido alguém com passado sujo de participação na guerra do lado do horror, que passa a vida sem parar de trabalhar para lavar, limpar, melhorar seu nome, mas também o que quer que seja sua causa no momento. Com a análise ela encontra um modo de fazer a mesma coisa, de um jeito diferente, que muda sua vida. Para nos dar uma ideia da paradoxal mudança ocorrida, destaca de um sonho uma propaganda do sabão OMO: “Aquele que lava mais branco que o branco”. Com esse bordão traduz o que foi feito de seu empuxo ao gozo do trabalho (cf. Opção Lacaniana n. 68-69, 2014). Ela continua nele, continua tomada por seu sintoma “lavar”, afinal, não é ele que a fez desde sempre viver? Como viver sem ele? Ele muda, porém, de sentido. Ela não correrá mais atrás de um passado negro, mesmo mantendo seu sintoma (é o que faz J. A. Miller chamar a política da psicanálise de “política do sintoma”). No entanto, ela talvez, não mais, como dona de casa, precisará comprar o melhor sabão, o de melhor desempenho.

Com muitos analisantes assim, espalhados pelo mundo, quem sabe um dia a psicanálise levará a Unilever, fabricante do OMO, à falência, ou pelo menos a deixará maus lençóis?

Uma análise se desenrola visando um plano que não é nem regulado pela norma, nem pela oposição a ela, o campo de uma fração desregulada de nossa vida. Ele será abordado em sucessivas aproximações com o que resta de nós não recoberto pela normatividade social. O inconsciente não revoluciona, mas força o eu consciente a se reconfigurar, não para ser melhor em algum sentido geral, ideal, mas para se tornar mais próximo do que nele não cabe, para fazer sua vida vibrar mais em sintonia com o escapa a seu domínio. É um modo de descrever o que J. Lacan chamou de “subversão do sujeito”. Nesse sentido, a psicanálise não é nem disciplinar nem revolucionária, mas subversiva.

Resta a questão. É possível para o psicanalista, em sua política do sintoma, ir além da subversão “um por um” de cada análise? A pergunta poderia ser: quem mais está, na cidade global, fazendo algo parecido? Deve haver políticas que tenham pontos de contato com a psicanálise e sua política do sintoma.

Michel Foucault propunha as *contracondutas* como forma de escapar a esse poder, pois sabia que a um poder que vem “de dentro para fora”, seu biopoder, não adianta lutar “de fora para dentro”. Suas *contracondutas* assinalam um fazer diferente, um outro modo de gozo, não uma decisão ou escolha. Devem ser coletivas, pois tudo o que for “um”, mesmo ideais, são tornados imediatamente *gadget* pelo mercado. No plano das *contracondutas* talvez se situam os movimentos *slow* e as ocupações. São coletivos em torno de um fazer, frágeis em termos de ideias, de duração imprecisa, mas por isso mesmo delimitam bolsões alternativos ao neoliberalismo.

Quais ações no plano da política (*latu sensu*) usam o objeto mais-de-gozar como uma saída do empuxo ao gozo do *capetalismo*? Devemos buscá-las nas ocupações, nos movimentos *slow*, mas também nos saraus da periferia, nos ativistas das minorias, nos ativistas *trans* e em um sem-número de intervenções artísticas que abundam nos espaços sociais em que o eu não dá as cartas. Como estarmos atentos aos pontos de contato em que as reinvenções singulares que vivemos em cada análise dialogam com as práticas dos que conseguem agir do lugar do não-eu? Como aprender com os que do lugar do objeto, tomados como todos nós pelo mercado, trazem um pouco do que vivem de gozo para nele incluir, como o inconsciente em uma vida, um pouco de sonho, fracasso e riso?